



Artigos

FABLES DE LAFONTAINE

LE LION ET LE RAT

Il faut autant qu'on peut, obliger tout le monde.
On a souvent besoin d'un plus petit que soi.
De cette sorte deux fables feront foi,
Tant qu'en preuves abonde.

Montra ce qu'il étoit, et lui avoua
Ce bienfait ne fut pas perdu.
Quelqu'un auroit-il jamais cru
Qu'un lion d'un rat eût affaire ?
Pendant il avint qu'au sortir d'
Ce lion fut pris dans les rets,
Dont ses rugissements ne le pe
S'écroula accourut, et fit tant
Que la maille rongée empo
ce et longueur de t
ont plus que force ni

FABLES DE LAFONTAINE

LE RAT DE VILLE ET LE RAT DES CHAMPS

Au temps le rat de ville
Avant le rat des champs,
D'une façon fort civile,
Lui des rotatifs d'ortolans,
Un tapis de Turquie
Sur son nez se trouva mis,
Ce à penser la vie
Eut ces deux amis.

Il fort honnête :
Invoit au lesin ;
Un

Parade le sun,
Le trait cesse, on se retire.
En campagne aussitôt ;
Le citadin de dire ;
Chevons tout notre rôt.

est assez, dit le rustique ;
Main vous viendrez chez moi ;
N'est pas que je me pi que
Tous vos festins de rois ;
Rien ne vient m'interromp
Mange tout à loisir.
En donc. Et du plaisir
La crainte peut corromp

2020

As narrativas longas, o retorno para casa e o prazer literário

Long narratives, return home and literary pleasure

Ana Leticia Adami¹

¹ Doutora em Filosofia pela Universidade de São Paulo.

RESUMO: Este artigo é fruto de duas conferências sobre literatura realizadas na Secretaria de Fazenda e Planejamento do Estado de São Paulo, como modo de divulgar e fomentar a participação dos servidores no Círculo de Leitura do Estado de São Paulo. Como resultado de rodas de discussão sobre obras selecionadas que compõem o imaginário vulgar e contemporâneo sobre narrativas ditas “épicas”, buscou-se empreender uma análise tendo como eixo o retorno para casa e a busca de si. Escolheu-se três obras, bastante populares, em que essa temática estivesse presente: a *Odisseia* de Homero, *O Senhor dos Anéis* de Tolkien e *A História Sem Fim* de Michael Ende. A partir de discussões sobre o sentido de “retorno para casa”, expresso por meio de narrativas de longa extensão, procurou-se analisar como o simbolismo da “casa” como espaço de “cura” pode ser associado à própria literatura e ao ato de ler, entendidos como fontes de autoconhecimento e de prazer.

PALAVRAS-CHAVE: Ende; Homero; Tolkien; Literatura; Prazer

ABSTRACT: This article is the result of two conferences on literature held at the São Paulo State Secretariat of Finance and Planning, as a way to disseminate and encourage the participation of civil servants in the Reading Circle of the State of São Paulo. As a result of discussions on selected works that make up the common and contemporary imagination about so-called “epic” narratives, we sought to undertake an analysis based on the return to home and the search for oneself. Three very popular works were chosen, in which this theme was present: Homer’s *Odyssey*, Tolkien’s *Lord of the Rings* and Michael Ende’s *The Neverending Story*. Based on discussions about the meaning of “return home”, expressed through long-term narratives, we tried to analyze how the symbolism of “home” as a space for “healing” can be associated with literature itself and the act of reading, understood as sources of self-knowledge and pleasure.

KEYWORDS: Ende; Homer; Tolkien; Literature; Pleasure

Introdução

Este artigo surgiu como o resultado de duas conferências realizadas na Secretaria de Fazenda e Planejamento do Estado de São Paulo, como modo de divulgar e fomentar a participação dos servidores no Círculo de Leitura do Estado de São Paulo. O Círculo de Leitura é um projeto que nasceu como uma iniciativa de seus próprios servidores, com o intuito de desenvolver a subjetividade e despertar os afetos dos seus participantes. Segue uma breve apresentação do Círculo de Leitura, fornecida pelos seus organizadores e proponentes:²

O Círculo de Leitura é uma iniciativa que nasceu com o intuito de desenvolver a subjetividade e despertar afetos nos servidores da Secretaria de Fazenda e Planejamento do Estado de São Paulo. Hoje a iniciativa é aberta para toda a sociedade. A ideia é utilizar textos clássicos da Literatura e do Cinema para estimular o diálogo entre os participantes em rodas de conversa que acontecem no Laboratório de Inovação da Escola de Governo e no Pequeno Auditório. Para tanto, partimos da experiência do Laboratório de Humanidades da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e do grupo de Literatura e Formação Humanística em Saúde da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP). Desse modo, acreditamos que seja possível melhorar a qualidade de vida das pessoas envolvidas no projeto e também do serviço prestado à sociedade.

Neste artigo, como resultado de rodas de discussão sobre obras selecionadas que fizessem parte do que compõe o imaginário vulgar e contemporâneo a respeito do que é dito uma narrativa “épica”, escolheu-se tratar da *Odisséia* de Homero, de *O Senhor dos Anéis* de Tolkien e de *A História Sem Fim* de Michael Ende. A escolha por essas obras, analisadas conjuntamente, justifica-se, por outra razão, pelo fato de terem adquirido grande apelo popular em nosso tempo, muito embora isso tenha se dado graças à adaptação das mesmas para o cinema. Outrossim, pretendeu-se, desse modo,

2 Disponível em: <http://www.facebook.com/circulodeleiturasp/> Acesso em: 29 fev. 2020.

uma abordagem que estimulasse a formação de novos leitores, buscando nessas obras um ponto em comum. Algo que contribuísse, desde os antigos aos tempos de hoje, para o aperfeiçoamento do humano e que permanecesse, como outrora e desde sempre, sendo uma fonte inestimável de prazer.

Partindo do pressuposto de que, quando falamos hoje no linguajar comum, de uma “odisseia” ou de uma “epopeia”, em geral pensamos imediatamente em um empreendimento difícil, ao mesmo tempo longo, penoso e grandioso. Quando se trata da literatura e do cinema, quase que irremediavelmente pensamos em guerras, numa luta do bem contra o mal, refletida nos atos heroicos ou trágicos de mocinhos e vilões. Nada disso é por acaso. Tal era, com efeito, um aspecto importante do *epos* grego: por meio da narrativa bélica, os gregos visavam fixar na memória a execução de feitos grandiosos, levados a cabo por homens valorosos; ou o seu contrário, fixar o exemplo de guerreiros e até mesmo de reis cuja ruína foi resultado de suas más escolhas e fortuna. Dizendo de outro modo, quando falamos de epopeias, referimo-nos a vícios e virtudes. Era a dimensão portentosa dessas características tão humanas que os gregos quiseram retratar por meio de suas narrativas épicas. Tão tocante foi o seu modo de narrar que, até hoje, vemos traços dessas características nos romances modernos e, muito comumente, são apelidadas de “épicas” pelo senso comum às narrativas contemporâneas que trazem alguns desses elementos – como atos de heroísmo sobre-humano, a presença de criaturas fantásticas e a sensação de grande distância temporal, para dar alguns exemplos.

Contudo, sem querermos adentrar nas designações de gênero literário, há um aspecto em particular sobre o qual nos interessa tratar aqui, e que nasce com o *epos* grego. É aquele que diz respeito à sua extensão, isto é, ao aspecto da narrativa *longa*. Tal como lemos na *Odisseia* de Homero, que retrata a longa jornada de retorno à casa de Odisseus, essa característica acompanhou muito do que o senso comum, em sentido figurado, cunhou de uma “jornada ou leitura épica”. O mesmo é dito das jornadas de Frodo, no *Senhor dos Anéis*, ou de Bastian, na *História Sem Fim*. Tal a extensão da jornada desses personagens, tal é a extensão das obras que as contêm. A leitura desse tipo de narrativa, dado em geral à extensão de seus volumes, requer do leitor uma

disposição de tempo e atenção por vezes muito maiores do que o ritmo da vida e do trabalho nos dias de hoje lhe permitem despende, ainda que certos títulos logrem de grande apelo popular; e, não raras vezes, esses livros acabam abandonados nas estantes por seus leitores muito antes de atingirem o seu fim.

Tendo em mente essas dificuldades, encaramos o desafio de tecer algumas considerações sobre os prazeres e vantagens que o leitor pode extrair desse tipo de narrativa, bem como sobre aspectos da humana condição que se encontram incutidos num gesto tão íntimo e silencioso como a leitura — mais especificamente, desse épico grego e desses dois romances citados. Desta forma, pretendemos contribuir para fomentar a geração de novos leitores, seguindo o exemplo de círculos de leitura que foram criados em meio a instituições e empresas nos últimos anos. Refiro-me aqui estritamente a dois, dos quais partem os resultados desta abordagem: o já citado Círculo de Leitura da Secretaria de Fazenda e Planejamento do Estado de São Paulo (desde 2019), organizado por Marcelo Lemos Correia (servidor) e demais servidores, e o Laboratório de Humanidades da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), organizado pelos docentes Dante Gallian e Rafael Ruiz (desde 2003). Como escreveu o professor Dante no seu “Prólogo ao leitor extremamente ocupado” (GALLIAN, 2017, p. 23), sensível ao problema atual do excesso de pressa e da azáfama que nos adoce e desumaniza, um remédio possível são “as histórias”, “efetivamente ocorridas ou reinventadas” (GALLIAN, 2017, p. 24), as quais, evocando as palavras de Michael Ende, se materializam nas “fontes da vida”, “maravilhoso remédio” que fortalece a alma e restaura a sua saúde (GALLIAN, 2017, p. 25).

As histórias longas e as emoções profundas

A *Odisseia* de Homero não é apenas um dos primeiros relatos épicos de que temos registro, mas é reconhecida também como uma das obras fundadoras da cultura europeia (RUIZ, 2019, p. 2). Lembremos também que é na Itália do Renascimento, “berço da civilização” moderna, que a releitura dos clássicos antigos, entre eles a *Iliada* e a

Odisseia, passa a ser o método pelo qual os homens da Renascença buscaram recriar o seu próprio modelo de homem: de um homem novo, de um novo tempo, o homem *modernus* – palavra latina que utilizamos até hoje para nos referir a nós mesmos, os modernos (GARIN, 1991; 1996; KRISTELLER, 1995).

Um desses homens do Renascimento, natural de Palermo, de nome Antonio Beccadelli (1394–1471), tentou separar os textos poéticos em duas modalidades: uma, referente aos poemas “longos e sérios”; outra, referente aos poemas “curtos” e mais jocosos (BECCADELLI, 2010, p. 122). É certo que ele se referia, entre os longos, aos poemas épicos de Homero e Virgílio (a *Ilíada*, a *Odisseia* e a *Eneida*) e, entre os curtos, a poetas como Marcial, Plauto e Catulo, que ele muito estimava.³ Ocorria com Beccadelli — como ele descreve em uma carta de abril de 1426 (BECCADELLI, 2010, p. 113–125) — o mesmo que se passa com muitos de nós hoje: a de não termos tempo para narrativas “muito longas”, pois a agitação da vida da cidade e, principalmente, os afazeres cotidianos, no trabalho ou em casa, ocupam todo o nosso tempo, e quando sobra algum, é mais adequado às narrativas “curtas”.

Contudo, antes que o exemplo de Beccadelli, grande erudito do Renascimento, sirva de *consolo* a nós, leitores de hoje, ressaltamos que o humanista se referia ao ato de *escrever* poemas, não ao de *ler*. Ele foi, de fato, um dos maiores escritores de poemas “curtos” satíricos da Renascença — os chamados *epigramas*.⁴ Quanto ao ato de ler, Beccadelli era certamente um leitor atento dos dois tipos de poemas, os curtos e os longos — quanto a nós, leitores modernos, não somos capazes, muitas vezes, de ler nem os curtos!

O comentário de Antonio Beccadelli nos chama a atenção por outro motivo: a diferenciação dos gêneros de poesia por critério de extensão — critério já presente na

3 É sabido, pela leitura da obra *O Hermafrodita* (1425), que Antonio Beccadelli era grande apreciador de poetas como Plauto, Marcial e Catulo, além de Ovídio e Horácio (ver nota do editor, in BECCADELLI, 2010, p. 229).

4 A obra do autor de referência é *O Hermafrodita* (1425).

Retórica de Aristóteles na apreciação da narrativa dentro de um discurso (ARISTÓTELES, 1996, 1416b, p. 363). Tal designação, em verdade, encerra uma ideia nada trivial e bastante complexa. O escritor J.R.R. Tolkien escreveu em um prefácio aos livros que compõem o seu *O Senhor dos Anéis* (1954–55) o que o motivou à escrita da obra:

[...] o desejo de um contador de histórias de tentar fazer uma história realmente longa, que prendesse a atenção dos leitores, que os divertisse, que os deliciasse e às vezes, quem sabe, os excitasse ou emocionasse profundamente. (TOLKIEN, 2001, p. xii)

O autor mencionou as ações de “divertir”, “deliciar” e “excitar ou emocionar profundamente” o leitor. Tolkien parece ter a intenção de que, através de uma história longa, nós, leitores, passemos mais tempo com o livro e a história que ele contém, ou melhor dizendo, com as suas personagens e dramas, para que, por meio dessas, “emoções profundas” possam ser despertadas em nós; e ele conhecia bem o poder de transformação nos homens dos “movimentos profundos da alma”, que denominamos *emoções* (palavra de origem latina derivada de *moto* ou movimento). Refiro-me ao consciente poder mobilizador dos efeitos estéticos da arte, ou como o já descrevia Santo Agostinho, o poder de “revolver as ondas do coração” (AGOSTINHO, 2012, p. 188 *apud* GALLIAN, 2017, p. 85).

A fim de ilustrar com mais detalhe o sentido dos dizeres de Tolkien e do poder transformador das “emoções profundas” nos homens, nos será de auxílio acompanhar o drama de um personagem de um dos mais famosos livros de Michael Ende: o garoto Bastian de *A História Sem Fim* (1979).

A casa mutante

O pequeno Bastian, herói de *A História sem Fim*, depois de atravessar o Mar da Névoa, achava-se finalmente na outra “margem”, no meio de um “infundável roseiral”, por entre o qual avistou um “caminho tortuoso” (ENDE, 1999, p. 355). Ele enveredou por esse caminho e ali encontrou, no seu fim, uma casa: era a Casa Mutante. Nessa

casa habitava uma dama “tão vermelha e redonda” que se parecia com uma “maçã”. Ela usava um chapéu e um vestido enfeitados de flores e frutos e seu nome era Dama Aiuola. Ela lhe explicou que a casa não tinha esse nome só porque estava sempre mudando, e sim porque também “modificava as pessoas que nela habitavam”. “E isso era muito importante para o menino que, até ali, sempre quisera ser uma pessoa diferente, mas sem se modificar” (ENDE, 1999, p. 355).

No decorrer de sua longa jornada pelo Reino de Fantasia, Bastian sempre desejou ter muitos dons e qualidades, como ser mais alto e belo, mais forte e destemido, mais inteligente e sábio, e até mais rico e poderoso, mas nunca ser *alguém melhor* — quer dizer, como todos nós, na maioria das vezes! E, no entanto, não podemos nos lamentar disso, pois, em nossa humana condição, desejar “ser melhor” é logicamente *impossível*. O que isso quer dizer? “Ser melhor”, como ocorreu com Bastian, não é algo que possamos simplesmente *desejar*.

Do ponto de vista gramatical, só podemos desejar *algo* ou *alguma coisa*, ou seja, um *objeto*, pois “desejar” é verbo transitivo. Assim, por exemplo, se desejamos ser mais belos, nos interessará a beleza, e sabemos o que ela significa — ainda que possamos divergir, conforme ao gosto, acerca de seus atributos; também podemos desejar ser mais ricos e, conseqüentemente, desejar a riqueza, e sabemos, dadas as diferenças de proporção, o que isso significa; e o mesmo podemos dizer ainda em relação à força e à inteligência, as quais sabemos o que significam e o que devemos fazer ou procurar para adquiri-las. Contudo, quando se trata de desejar “ser melhor”, não sabemos o que isso significa. *Quê* melhor, ou, melhor *em relação a quê*? Falta *algo* que complete o sentido da sentença. Para cada bem que desejamos, se a beleza, a riqueza, a força ou a inteligência, sabemos que espécies de coisas ou ações devemos procurar para adquirir esses bens — afinal, ninguém pensa em ir à academia de ginástica para aprender uma nova língua; ou deixar o salão de cabeleireiro com músculos mais definidos. Diferente de tais bens, para ser uma pessoa melhor não sabemos com clareza o que temos de fazer ou o que procurar. Até podemos desejar ser uma pessoa melhor, ou, dizendo mais adequadamente, nos aperfeiçoar, e isso é bom (em geral, é o que queremos). Contudo, desejar ser alguém melhor é um desejo que nos parece *vazio*, pois não con-

seguimos encontrar um objeto correspondente que sacie ou complete a definição de tal desejo. Diferente de outros bens, ele não está *previamente* definido. No máximo, podemos formular a sentença (“desejar ser melhor”), e ela nos é compreensível, mas daí a realizá-la, como gosta de repetir Michael Ende, “é uma outra história e terá de ser contada em outra ocasião” (ENDE, 1999, p. 392). Muitos são os caminhos que nos conduzem a ser melhores e a nos aperfeiçoar enquanto seres humanos, como muitos são os caminhos que nos levam ao lado oposto, isto é, à perdição e a nos tornar piores.

Analiseemos a mesma questão ainda por outro ponto de vista, no sentido do que podemos chamar aqui de *existencial*, uma vez que esse processo de mudança pelo qual todo homem ou mulher passa, para melhor ou para pior, é próprio de sua condição humana. Hannah Arendt bem nos lembra de que o ser humano não pode ser definido — como, por exemplo, afirmar que o homem é racional ou é bípede (ARENDRT, 2007, p. 191). A verdadeira natureza de um homem ou mulher é algo que se *revela* ao longo de sua história. Foi isso o que os gregos intuíram com a sua *Odisseia* (RUIZ, 2019, p. 7).

Para fins de ilustração, voltemos ao que dizia Dama Aiuola a Bastian sobre a Casa Mutante: “a casa modifica as pessoas que nela habitam”. Se nós realmente aceitarmos habitar essa casa e permitir que ela nos modifique, é preferível que a mudança seja para melhor, e não para pior. Por isso, deveríamos nos perguntar em seguida: que garantias teremos de que essa casa nos modificará para melhor, e o que isso significará para nós no fim? É esse o sentido da pergunta que estamos nos fazendo aqui.

Do efeito da Casa Mutante sobre Bastian, Ende diz que, “como todas as verdadeiras transformações, esta também se processava lenta e silenciosamente, por si mesma, como o crescimento de uma planta” (ENDE, 1999, p. 362). Igualmente, acreditamos ser esse o efeito das “emoções profundas” sobre nós durante o ato da leitura de longas narrativas; emoções que se movem “lenta e silenciosamente”, quase sem nos darmos conta ou termos desejado, por si mesmas, sem nenhum esforço nosso. Tal é a dádiva do *prazer da literatura*: enquanto lê, o leitor se delicia e se diverte, como dizia Tolkien, ou, como dizemos hoje, o leitor se entretém e (bônus extra!), ao mesmo tempo, se modifica, lenta e silenciosamente, sem muito esforço — aparte o próprio ato da leitura.

A casa de elrond

Frodo, o mais famoso guardião do Anel de Poder de que trata a saga do *Senhor dos Anéis*, teve também a sorte de encontrar uma casa muito parecida com a Casa Mutante. Depois de atravessar com extrema pressa o vau do rio Bruinen, trazendo no ombro um ferimento mortal, sobre o dorso de um cavalo (o mais veloz do senhor elfo Glorfindel), fugindo de espectros cobertos por mantos negros, “Frodo sentiu que estava caindo [...]. Não escutou nem viu mais nada. Ao acordar, se viu deitado numa cama” (TOLKIEN, 2001, p. 228–231) — assim Tolkien encerra o primeiro livro da sua Saga do Anel e inicia um novo. Frodo se encontrava já a salvo na Casa de Elrond, em Valfenda. Na descrição de Bilbo, tio de Frodo, essa era

“uma casa perfeita, para quem gosta de comer ou dormir, de contar histórias ou de cantar, ou apenas de se sentar e pensar nas coisas, ou ainda para quem gosta de uma mistura agradável de tudo isso”. A simples estadia ali representava uma cura para o cansaço, o medo ou a tristeza. (TOLKIEN, 2001, p. 237)

Destacamos o efeito terapêutico que a casa exercia sobre seus hóspedes, pois, como diz o narrador, “a simples estadia ali representava uma cura para o cansaço, o medo ou a tristeza”. Ela oferecia um remédio tanto para o mal físico, restaurado quer pelo repouso quer pela alimentação adequada, como para o mal espiritual. Contra esse mal, a casa oferecia agradável oportunidade de ouvir e contar histórias e canções, ao mesmo tempo que nos deixava tranquilos para “pensar nas coisas”. Como acrescenta Bilbo, em passagem mais a frente: “O tempo parece não passar aqui: apenas é” (TOLKIEN, 2001, p. 244).

Bilbo Bolseiro, principal herói da primeira narrativa de sucesso de Tolkien, de título *O Hobbit*, publicado em 1937, não era apenas um amante de aventuras, como podemos acompanhar no livro que narra a sua *odisseia*, mas também amava ouvir e compor seus próprios poemas e histórias. Já idoso, livre do fardo do Anel, ali em Valfenda, ele encontrou um lugar mais do que adequado para se dedicar inteiramente a essa prazerosa arte. Pois os elfos, como ele explica ao sobrinho, detêm um enorme

apetite “pela música, pela poesia e pelas histórias. Parece que gostam dessas coisas tanto quanto de comida, ou mais. Ainda vão continuar por um longo tempo” (TOLKIEN, 2001, p. 250).

A jornada de retorno a casa como busca de si

A literatura, por meio de suas longas histórias, imita a jornada de uma ou mais vidas humanas; para usar um termo que os gregos ajudaram a popularizar, ela narra uma *odisseia* — a *Odisseia* de Homero narra a história do herói Odisseus e, por isso, dizemos que ela conta a sua história, ou, se quiser, a sua biografia (RUIZ, 2019, p. 4). Na *Odisseia*, o que Ulisses deseja é voltar para Ítaca, sua verdadeira casa, porque é lá que pode ser quem verdadeiramente é: o filho de Laertes, Rei da ilha, esposo de Penélope e pai de Telêmaco.

O vocábulo grego *epos*, que significa “palavra”, “canto” ou “poema narrativo longo”, derivou nos termos épico ou epopeia que empregamos até hoje para falar de todas as outras *odisseias* que se seguiram àquela de Odisseus, como a de Bilbo, a de Frodo ou a de Bastian. Tolkien era professor universitário de Língua e Literatura, e sabia muito bem o sentido que o *epos* assumia na cultura grega: o sentido do aperfeiçoamento do humano. Quem já teve o prazer de ler *O Senhor dos Anéis* sabe o quanto seus livros estão recheados de poesias cantadas por seus próprios personagens, algumas delas pelo próprio Bilbo, tradutor dos livros de registros élficos — que costumamos chamar de “anais” — durante o tempo em que passou em Valfenda. Essas poesias e histórias nos remetem a acontecimentos ocorridos num tempo muito anterior ao dos eventos ali narrados, os quais, inclusive, podemos ler nos demais livros de Tolkien, como *O Hobbit* (já citado aqui) e *O Silmarillion* (publicado postumamente, em 1977, pelo filho do autor).

Podemos então nos perguntar que legado tão importante seria esse que os antigos e os medievais nos deixaram com o seu gosto por “poemas longos”, os épicos, que Tolkien, com sabedoria e elegância, retratou no caráter do seu povo élfico e pelo qual

o hobbit Bilbo Bolseiro ficou tão fascinado, do mesmo modo que os nossos modernos homens do Renascimento ficaram em relação aos antigos?

Podemos supor que uma das grandes contribuições do mundo grego é a ideia acerca de nossa condição, de que o humano não é apenas um “ser”, mas um “vir a ser” (RUIZ, 2019, p. 6). Quando nos referimos ao “ser humano”, temos que ter em conta que esta palavra “ser” não tem sentido fixo nem definido. O próprio do humano é um “ir sendo”, na medida em que ele vai vivendo, tendo desejos, passando de um desejo a outro, fazendo escolhas, amando ou odiando. Diferente de uma pedra, de uma planta ou de um cavalo, para o homem, se não houver história, não há crescimento ou mudança, nem para melhor nem para pior — o que não é bom. Para o homem não é bom que não haja mudança. Foi com um horror desse tipo que Bastian se deparou em suas andanças por Fantasia: a Cidade dos Antigos Imperadores.

A cidade dos antigos imperadores

Ao penetrar no Reino de Fantasia, Bastian recebeu um amuleto que lhe permitia realizar todos os seus desejos. Contudo, por esse dom havia um custo: a cada desejo alcançado, uma lembrança de seu mundo verdadeiro era apagada. Um dado dia,

Bastian chegou junto de um alto barranco de terra que cortava uma charneca. Atrás, ficava um grande vale, com a forma de uma cratera de fundo plano. E nesse vale havia uma cidade... Pelo menos, o conjunto de construções que aí existia assemelhava-se a uma cidade, se bem que fosse a mais esquisita que Bastian já vira. Os edifícios misturavam-se e confundiam-se de forma absurda, sem qualquer planejamento, como se tivessem sido despejados ali de um saco gigantesco. Não havia ruas, praças, nem qualquer ordenamento visível. [...] Em suma, a cidade toda dava uma impressão de loucura. Então Bastian viu os habitantes da cidade... Tinham o aspecto semelhante ao dos homens normais, mas as roupas que usavam sugeriam que eles deviam ter enlouquecido e já não eram capazes de distinguir entre as peças de vestuário e os objetos que serviam para outros fins. Tinham na cabeça abajures, baldes de praia, conchas de sopa e cestos de papéis... Nenhuma daquelas pessoas, porém, parecia saber o que queria ou para onde ia. (ENDE, 1999, p. 334–335)

Bastian tentou puxar conversa, mas foi inútil. De repente, uma “voz zombeteira” lhe disse que não valia a pena perguntar, pois essa gente não era capaz de responder. Por isso eram chamados “Os Que Nada Dizem” (ENDE, 1999, p. 335). Bastian voltou-se na direção da voz e viu um macaquinho cinzento usando um barrete de doutor. Ele então lhe explicou que ali estavam todos os que um dia haviam querido coroar-se imperadores de Fantasia e, tendo gastado todos os seus desejos com esse intuito, haviam esgotado todas as suas recordações. “Quem não tem passado”, completou o macaco, “não tem futuro”. E mais adiante:

Por isso não envelhecem. Olhe-os! Custa acreditar que muitos deles estão aqui há mil anos ou mais. Mas permanecem como são. Para eles nada pode mudar, porque eles próprios já não podem mudar.” (ENDE, 1999, p. 337)

Então Bastian avistou um grupo de pessoas que jogava continuamente, para cima, dados com letras marcadas nas suas faces. Curioso, ele perguntou ao macaco que jogo era aquele. “É o Jogo do Acaso”, respondeu o macaco, acenando aos jogadores. E então murmurou ao ouvido de Bastian:

Já não são capazes de contar histórias. Esqueceram a fala. Por isso lhes inventei um jogo. Para passar o tempo, como você vê. E é muito simples. Pensando bem, temos de concordar que, no fundo, todas as histórias do mundo se compõem apenas de 26 letras. As letras são sempre as mesmas, só sua combinação varia. Com as letras formam-se palavras, com as palavras frases, com as frases capítulos e com os capítulos histórias. (ENDE, 1999, p. 339)

Bastian tentou ler alguma coisa que os jogadores formavam com os dados, mas era impossível, pois nada fazia sentido. “Sim”, gargalhou o macaco, e continuou:

— [...] Mas quando se joga esse jogo sem parar durante muito tempo, durante anos, algumas vezes se formam palavras por acaso. Podem não ser muito significativas, mas são palavras.... Porém, se se continua a jogar este jogo durante centenas, milhares ou centenas de milhares de anos, é provável que alguma vez, por acaso, se obtenha um poema.

E se se jogar eternamente, terão de surgir todas as poesias e todas as histórias do mundo... É lógico, não acha?, sorriu o macaco.

— É horrível, disse Bastian. (ENDE, 1999, p. 340)

Bastian estava aterrorizado, pois não queria ficar retido naquela cidade junto daquelas pessoas. Nesse momento, ele se deu conta de que não queria permanecer para sempre do jeito que estava, ele precisava e queria mudar. Mas como e em qual direção? Ele já havia gastado quase todas as suas recordações. E não se lembrava mais de quem era e de como poderia voltar para seu verdadeiro lar. Como disse Rafael Ruiz, em artigo sobre a *Odisseia de Homero e a Condição Humana*, “todos precisamos de uma *odisseia* para sermos quem gostaríamos de ser, quem verdadeiramente deveríamos ser e poderíamos ser” (RUIZ, 2019, p. 7). Como vimos na *Odisseia*, Ulisses desejava voltar para Ítaca, sua verdadeira casa, porque só lá podia ser quem verdadeiramente é: pai de Telêmaco, filho de Laertes. Agora, voltar para casa, era tudo o que também desejava Bastian Baltasar Bux: “um garoto baixo, gordo, de uns dez ou onze anos”, “de cabelo castanho-escuro” (ENDE, 1999, p. 1), filho de um dentista e que adorava “imaginar histórias, inventar nomes e palavras” (ENDE, 1999, p. 5).

Considerações finais: o retorno

Na odisseia de retorno a casa, de descoberta do verdadeiro ser, muitas vezes nos perdemos: como Ulisses na ilha de Calipso, ou Bastian, na Cidade dos Antigos Imperadores. O caminho de volta para casa é único para cada homem, ainda que o destino possa ser, por vezes, o mesmo ou muito parecido. Na compreensão dos gregos, a *odisseia* representa o processo de aprendizado de cada homem para se tornar verdadeiramente humano. Esse é o sentido da educação para os gregos, a *paideia*. E também é o tema da obra mais famosa do filólogo alemão, Werner Jaeger, de 1936. Ali, o estudioso defendia que educar ou formar o homem, segundo os gregos, era “um processo de construção consciente”, tal como o artesão age sobre a argila, a fim de encontrar a “melhor forma”, a forma boa e verdadeira (JAEGER, s/d, p. 12 *apud* RUIZ, 2019, p. 2).

O encontro de Bastian com os habitantes da Cidade dos Antigos Imperadores o fez refletir sobre os seus próprios passos que, de qualquer maneira, o haviam conduzido até aquele ponto. Isso o fez querer mudar de rumo.

Todos os seus objetivos e planos anteriores tinham sido varridos de um só golpe. Era como se estivesse tudo de pernas para o ar dentro de sua cabeça. Como aquela pirâmide que estava à sua frente, com a parte de cima voltada para baixo e a parte de trás para a frente. Aquilo que desejara era sua perdição e aquilo que odiara sua salvação.

Por ora, só uma coisa era evidente: tinha de sair daquela cidade de loucos! Para nunca mais voltar! (ENDE, 1999, p. 341)

Quantas vezes já não nos vimos ou nos sentimos numa situação semelhante à de Bastian? Parar e refletir sobre a situação, reconhecer e distinguir os erros, aceitar com humildade as dificuldades que deles derivam, tomar fôlego e seguir adiante, com calma, numa outra direção foi o que Bastian teve de fazer para encontrar a saída daquela cidade e de sua salvação. E sabemos como isso é difícil! Não bastou a Bastian viver uma série de vicissitudes que o levassem a um lugar desagradável, como a Cidade dos Antigos Imperadores, para que ele percebesse o que fazer. Foi-lhe necessário que parasse por certo tempo e refletisse sobre os caminhos tomados até então para que os seus próximos passos fossem dados com mais consciência, ou do contrário, o seu rumo de volta para casa estaria perdido para sempre. Esse é o drama da vida. Bastian percebeu que há coisas que *queremos*, mas que não podemos *ainda* desejar porque não temos nem sequer *consciência* delas, muitos menos de *como* alcançá-las.

O futuro de Bastian era tão incerto quanto o seu próximo passo. “Mas, para dizer a verdade”, disse-lhe o macaquinho cinzento, “acho que não vai conseguir [...] Acordou um pouco tarde, e o caminho de regresso é difícil” (ENDE, 1999, p. 340).

Naquela noite, começou para Bastian uma longa e solitária peregrinação... Queria procurar o caminho de regresso ao mundo dos homens... mas não sabia como nem por onde começar. Haveria em algum lugar uma porta, uma passagem, uma fronteira que o levasse até lá? Tinha de desejar esse regresso, sabia-o. Mas não lhe restavam forças para isso. Sentia-se como um mergulhador que procura no

fundo do mar um navio naufragado, mas se vê constantemente obrigado a voltar à superfície antes de conseguir encontrá-lo. (ENDE, 1999, p. 342)

Era a primeira vez, desde o seu ingresso no Reino de Fantasia, que Bastian desejava se *modificar*, quer dizer, queria ser alguém melhor, encontrar o seu verdadeiro eu e regressar para casa. E, para isso, precisava de auxílio contra o cansaço e o medo de se perder definitivamente e contra a tristeza que o consumia. Bastian precisava, quiçá, de um lugar, como dizia Bilbo Bolseiro sobre Valfenda, que lhe oferecesse um remédio contra todos esses males, pois sua jornada havia sido longa, e muito mais havia ainda pela frente. Um lugar assim ele encontrou nos braços ternos e maternais da Dama Aiuola. Em sua casa, ele podia permanecer em tranquilidade, apenas “comer e dormir”,

passar pelo meio das rosas, observar as abelhas que zumbiam e escutar os pássaros que cantavam... Por vezes deitava-se debaixo de uma roseira, aspirava o doce perfume das rosas, piscava os olhos para o sol e deixava que o tempo corresse como um riozinho, sem pensar em nada. Assim passaram-se os dias, e os dias transformaram-se em semanas. Bastian nem dava por isso. (ENDE, 1999, p. 360)

Em suma, o lugar era perfeito para “sentar e pensar nas coisas”, como dizia Bilbo. Tão profunda, lenta e silenciosa era a transformação que acometia o mais íntimo do garotinho, que ele “nem dava por isso” (ENDE, 1999, p. 360) ou sentia o tempo passar. Um lugar como esse não parece ser simples e fácil de encontrar. Com efeito, se pensarmos concretamente, nos dias de hoje, um lugar como tal parece-se mais com esses hotéis de luxo de que lemos em revistas, impossíveis de pagar. Mas, se nos lembrarmos das palavras de Tolkien, citadas de início, em que nos relatava sobre o prazer que obtinha com as longas narrativas, podemos ser levados a pensar que esse lugar pode estar mais perto e ao nosso alcance do que imaginávamos. Esse lugar é a literatura, por meio da qual emoções profundas são despertadas sem nem nos darmos conta, e pela qual podemos, na companhia de personagens e seus dramas, refletir, com calma, sobre os nossos próprios dilemas e caminhos a seguir. Boa leitura!

Referências

ARENDDT, Hannah. *A Condição Humana*. 10 ed. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

ARISTÓTELES. *Rethorica. Retorica*. Trad. e notas M. Dorati. Intr. F. Montanari. Mi-lão: Arnoldo Oscar Mondadori, 1996.

BECCADELLI, Antonio. *The Hermaphrodite. Hermaphroditus*. Ed. e trad. Holt Parker. The I Tatti Renaissance Library. Cambridge, London: Harvard University Press, 2010.

ENDE, Michael. *A História Sem Fim*. 7 ed. Trad. M. do C. Cary. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GALLIAN, Dante. *A Literatura como Remédio: os clássicos e a saúde da alma*. São Paulo: Martin Claret, 2017.

GARIN, Eugenio (Dir.). *O Homem Renascentista*. Trad. M. J. V. de Figueiredo. Lisboa: Presença, 1991.

GARIN, Eugenio. *Ciência e vida civil no Renascimento italiano*. Trad. C. Prada. São Paulo: Unesp, 1996.

JAEGER, Werner. *Paideia. A formação do homem grego*. São Paulo: Herder, s/d.
Kristeller, Paul. O. *Tradição clássica e pensamento do renascimento*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1995.

RUIZ, Rafael. *A Odisseia de Homero e a condição humana*. In: *Intellèctus*, São Paulo, 18 (n.1): 1-25, out. 2019.

SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. 26 ed. Trad. J. Oliveira e A. Ambrosio de Pina. Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

TOLKIEN, J.R.R. *O Senhor dos Anéis*. Trad. L.M.R. Esteves e A. Pisetta. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 3 vols.